

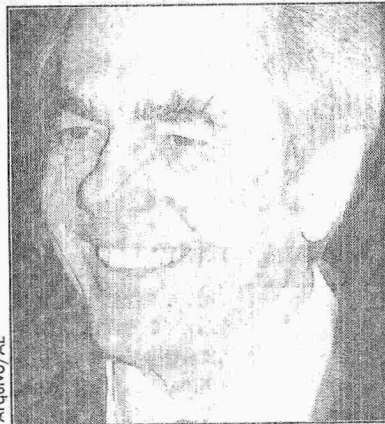
BANQUEIROS DEMONSTRAM INTERESSE

Apesar dos problemas, Brasil ainda é atraente.

"Há um enorme interesse pelo Brasil e pelo que vai acontecer com a economia a curto prazo, e se as medidas chegarem logo, as perspectivas serão excelentes", afirmou Thomas Keesee, diretor-executivo do Banco Pactual em Nova York, ao sair do seminário da Câmara de Comércio Americano-Brasileira, cujo principal orador foi o ministro Fernando Henrique Cardoso. O encontro lotou ontem cedo um dos principais salões do Hotel Shoreham, em Washington.

"A delegação brasileira nunca foi tão grande desde 1982", observou o ex-presidente do Banco Central, Antonio Carlos Lemgruber. "A atmosfera é simpática para nós. Se houver más notícias, elas virão do Brasil", disse Fernão Bracher, presidente do BBA Creditanstalt e também ex-presidente do Banco Central.

Os banqueiros vêm fazer negócios e o clima favorável ajuda. "Este é um grande encontro de banqueiros e nós fazemos muitos encontros paralelos, conversando



Arquivo/AE

Bracher: atmosfera simpática.

com os principais banqueiros do mundo, para entender o que pensam e rever as condições de operação", observou o presidente do Unibanco, Tomas Zinner. "O governo tem a oportunidade de vender um pouco de otimismo, pois o Brasil tem sido pessimista demais e a opinião pública parece esperar um choque a qualquer momento, criando um ambiente difícil de trabalhar."

Carlos Langoni, outro ex-presi-

dente do BC, acredita que o setor privado já se ajustou e que a situação das empresas brasileiras é melhor que a das argentinas e mexicanas. "Nossa economia vai explodir quando o setor público se ajustar", previu. Carlos Augusto Angerami Ramos, diretor da área externa do Banorte, visitou 25 instituições em Nova York e percebeu mais confiança: "Todos se preparam para uma grande virada do País e a dúvida é saber se os políticos estão aptos a promover a mudança".

Em 77º lugar

O Brasil tem melhores perspectivas para 1994, mas desceu do 66º lugar, que ocupava em março, para a 77ª posição entre os países que apresentam maior risco para os investimentos, de acordo com a revista Euromoney (em setembro de 1992, estávamos em 70º).

**Fabio Pahim Jr.,
de Washington**